

SAÚDE MENTAL DO HOMEM E CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NA SOCIEDADE E NA ESCOLA

Isabella Nara Costa Alves¹

RESUMO

Este estudo tem como escopo a discussão da construção da (s) masculinidades e como estas afetam a saúde mental do homem, a partir da análise de psicopatologias (como transtorno bipolar, esquizofrenia e depressão) dos distúrbios associados às dificuldades e transtornos de aprendizagem (autismo, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, deficiência intelectual) e estatísticas e dados sobre suicídio. O objetivo geral é investigar como a construção de masculinidade afeta a saúde mental do homem e os objetivos específicos são: identificar de que forma (s) a escola constrói o papel do gênero masculino e discutir masculinidade(s) relacionada(s) a outras interseccionalidades (raça, classe social e sexualidade). Como percurso metodológico, foi feito uma pesquisa qualitativa, com enfoque bibliográfico, que tem por finalidade associar saúde mental às masculinidades, visando relacionar educação e saúde. Como resultado do estudo, foi encontrado teorias e pesquisas que demonstram a relação de uma masculinidade construída para ser desordeira, violenta e insensível, abalando a saúde mental dos homens, sobretudo quando estes são pertencem a alguma minoria racial ou sexual, como homens negros, indígenas e gays. Para concluir, percebemos a importância da escola em debater a temática de gênero através da pedagogia feminista e da pedagogia *queer*, com o objetivo de contribuir para a desconstrução da masculinidade tóxica.

Palavras-chave: homem, saúde mental, masculinidades.

INTRODUÇÃO

- *Ah, Ferdinando, você está aí! [...]Ele me escolheu, acredita? Seu pai vai lutar pelo sucesso na arena.*
- *Você tem mesmo que ir?*
- *Tenho, claro que tenho, não entende, Ferdinando? É o sonho de todos os touros, esqueceu?*
- *Sei disso. É ruim de não for o meu sonho?*
- *[...] Ferdinando, você ainda é filhote, quando você crescer seus sonhos vão mudar, tudo vai mudar. Vou te falar o que vai mudar: você vai ser maior e mais durão que o seu coroa, eu garanto.*
- *Não brinca?*
- *É sério. E quando chegar a hora vai entrar naquela arena e vai ser um campeão.*
- *Eu posso ser um campeão sem ter que brigar?*
- *Ah, Ferdinando, eu queria que o mundo fosse assim pra você, juro. Mas, não é assim pra nenhum de nós, filho. Você entende? (Touro Ferdinando, 2018)*

¹Aluna concluinte do curso de Pós-graduação em Neuropsicopedagogia da Faculdade Metropolitana da Grande Recife. Email: isabellanarac@gmail.com;

Este trabalho emergiu através das discussões dentro do curso de pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Metropolitana, em Jaboatão dos Guararapes - PE, mais especificamente na disciplina de Neurociências Cognitivas. Com a finalidade de relacionar os conhecimentos dentro dos estudos e pesquisas em gênero, sexualidade e educação, optei por esse curso para estudar o impacto do machismo e da LGBTfobia na saúde mental das mulheres e do público LGBT, relacionando com outras instâncias, como o racismo, o classismo/elitismo e a intolerância religiosa.

Ao iniciar o curso, debruçando-me sobre as psicopatologias apresentadas em sala de aula e em minhas pesquisas - como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), deficiência intelectual, dislexia, entre outros - percebi que a maioria dessas doenças tinha o público masculino como principal afetado, o que me fez questionar e avaliar meu ponto de vista a respeito do campo de estudos em saúde mental e, sobretudo, nos conhecimentos prévios sobre gênero e sexualidade. A partir desses novos conceitos, comecei a perceber sobre como o machismo afeta todas as pessoas, inclusive os homens.

Recentemente, o ator Terry Crews fez um pronunciamento sobre masculinidade tóxica e como os homens devem ser desprogramados, acusando publicamente o executivo Adam Venit de tê-lo abusado sexualmente em uma festa e oferecendo apoio ao movimento *Me Too* - de apoio às vítimas de violências sexuais e defendendo o feminismo. Essa declaração do ator, juntamente com o lançamento da animação *Touro Ferdinando* (epígrafe deste trabalho), reacenderam o debate sobre construção de masculinidade em diversos espaços sociais, inclusive na cultura educacional.

O objetivo geral deste trabalho é investigar como a construção de masculinidade afeta a saúde mental do homem. Por conseguinte, os objetivos específicos são: a) identificar de que forma(s) a escola constrói o papel do gênero masculino e b) discutir masculinidade(s) relacionada(s) a outras interseccionalidades (raça, classe social e sexualidade).

Justifico a importância desse estudo no sentido de contribuir para a discussão do contexto que a literatura vem chamando de *masculinidade tóxica* (CASTRO, 2018), que fomenta a submissão das mulheres, ao mesmo tempo que adoce e prejudica os homens. Visando desconstruir um pretenso determinismo biológico do destino de homens e mulheres, este

trabalho visa fundamentar e elucidar as discussões a respeito da saúde mental e masculinidades, contribuindo de forma inovadora à ótica da educação e da Neuropsicopedagogia.

METODOLOGIA

Como percurso metodológico, este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, respaldada por uma revisão bibliográfica. A pesquisa qualitativa considera a subjetividade do sujeito, discorrendo sobre universo delimitado. O estudo é exploratório porque tem como objetivo a construção de hipóteses. A pesquisa bibliográfica é construída através de autores e autoras que debatem a temática em livros, artigos, revistas, entre outros locais (KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010).

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de autores/as que discutem relações de gênero na escola como Guacira Lopes Louro (1997) e Pierre Bourdieu (2012), relacionando com achados na área da psicologia e das neurociências sobre masculinidades e saúde mental.

DESENVOLVIMENTO

A construção social das feminilidades e masculinidades - o gênero - envolvem relações de poder historicamente construídas, implicando na criação de um ideal hegemônico - o homem - em um contexto de oposição a “outro” subalterno - a mulher. Contudo, essa relação não pressupõe tão somente a opressão do homem sobre a mulher (a desigualdade de gênero), mas também sob “outros” homens. Esse fenômeno é investigado por Kimmel (1998) como *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*.

O autor supõe primeiramente, quatro reflexões teóricas sobre as masculinidades: a) elas se diferenciam em cada cultura, b) elas se diversificam no decorrer do tempo, c) se modificam através de várias intersecções identitárias e d) mudam conforme a experiência de cada sujeito. Nesse sentido, há múltiplas formas de ser homem, conferindo o caráter fluido das masculinidades (eis aqui o motivo pelo qual o termo está no plural). Esses processos são geralmente invisíveis por estes, conferindo privilégios.

Contudo, esses privilégios custam caro: os homens precisam provar-se constantemente. Kimmel (1998) discute três tipos de demonstrações/provas básicas. Primeiro, o autocontrole: tornar o corpo em expressão de dominação. Podemos relacionar essa construção ao comportamento corporal dos meninos na escola, evitando-se ao máximo que estes

demonstrem sentimentos, como sensibilidade e tristeza, transformadas em virilidade e agressividade (BOURDIEU, 2012). A famosa ideia de que homem não chora ainda está muito presente em nossa sociedade, refletida também nas escolas.

Esse autocontrole também significa controle emocional, dificultando que os meninos manifestem suas emoções e demonstrem dificuldades e fraquezas, o que pode acarretar a longo prazo algum distúrbio ou transtorno mental. Nessa lógica,

Atos violentos são encarados como elementos próprios do processo de socialização dos homens e do exercício da masculinidade, interferindo em como os homens cuidam da saúde e dos seus corpos. Episódios de violência são problemas estreitamente relacionados às necessidades de saúde da população masculina. Contudo, têm sido negligenciados (ALBUQUERQUE, BARROS, SCHRAIBER, 2013, p. 532).

Os estudos encontrados (ALBUQUERQUE, BARROS, SCHRAIBER, 2013; ALISON, 2018) relacionam o perfil de saúde mental do homem à diversas condições negativas, desde abuso de álcool até patologias consideradas mais graves, como a depressão, o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtorno bipolar e a psicose. Dados do Ministério da Saúde comprovam que os homens apresentam maior mortalidade por suicídio: 79%, enquanto as mulheres evidenciam 21%, tendo como meio mais utilizado o enforcamento (66,1%), inclusive utilizando métodos mais letais, em que não há tempo para tentar salvar o paciente. Esse é um padrão que se repete no mundo inteiro (BRASIL, 2017).

Na literatura à respeito das dificuldades e transtornos de aprendizagem, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (o DSM-5) informa a grande propensão dos meninos em receber o diagnóstico de TEA, TDAH, deficiência intelectual, Transtorno Opositivo-Desafiante (TOD) e os Transtornos Específicos de Aprendizagem (TEAp), como dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia. O documento destaca como causa da maior incidência masculina múltiplos fatores, tais como genética, demanda hormonal e amadurecimento cerebral diferenciado entre meninos e meninas. Além disso, o DSM-5 nos ensina que

O gênero pode influenciar a doença de várias formas. Em primeiro lugar, ele pode determinar exclusivamente se um indivíduo corre risco de um transtorno específico (p. ex., no transtorno disfórico pré-menstrual). Em segundo, o gênero pode moderar o risco geral para o desenvolvimento de um transtorno conforme demonstrado por diferenças de gênero marcadas nas taxas de prevalência e de incidência para determinados transtornos mentais. Em terceiro, o gênero pode influenciar a probabilidade de que sintomas específicos de um transtorno sejam vivenciados por um indivíduo. O transtorno de déficit de atenção/hiperatividade é um exemplo de transtorno com diferenças na apresentação que são experimentadas mais comumente por meninos ou meninas. O gênero provavelmente determina outros efeitos na vivência de um transtorno que são indiretamente relevantes ao diagnóstico

psiquiátrico. Pode ocorrer que determinados sintomas sejam mais prontamente reconhecidos por homens ou por mulheres, o que contribui para a diferença na oferta de serviços (p. ex., mulheres têm mais chances de confirmar um transtorno depressivo, bipolar ou de ansiedade e de fornecer uma lista de sintomas mais abrangente do que homens). (2011, p. 15).

O DSM-5, documento de referência sobre saúde mental, em toda sua formatação, utiliza-se da palavra *gênero* ao invés de *sexo*, uma vez que acredita que feminilidades e masculinidades são fomentadas e corporificadas em contexto não somente biológico, mas também histórico e social.

A segunda demonstração de masculinidade elaborada por Kimmel (1998) diz respeito à necessidade dos homens de provar-se contra a natureza e para outros homens (por exemplo, na vida militar), longe de intervenções consideradas desviantes. Nas instituições educacionais, isso se materializa na “escolha” quase que inevitável dos meninos às atividades ao ar livre, tomando a quadra da escola e o esporte como parte da “essência” masculina. Não gostar da prática esportiva é encarado como um desvio (LOURO, 1997).

A terceira e principal forma de comprovação de masculinidade se trata da intolerância e depreciação de outras formas de ser homem, o que se materializa em violência aos “outros” homens: homens negros, homens indígenas, homossexuais e idosos. No que diz respeito à interseccionalidade de raça, no Brasil, homens indígenas são os que mais cometem suicídio comparados a brancos e negros, principalmente na faixa de etária de 10 a 19 anos. Esse dado fez com que o governo brasileiro produzisse um programa específico sobre prevenção de suicídio em povos indígenas (BRASIL, 2017).

Podemos identificar também o homem negro, principalmente enquanto jovem e com baixo indicador socioeconômico, como tendo maior propensão a manifestar um primeiro episódio psicótico, sintoma de transtornos mentais ligados à esquizofrenia, transtorno bipolar e depressão, apresentando alucinações, ideias delirantes e desorganização do pensamento (ALISSON, 2018). Segundo o Atlas da violência (2017), os homens jovens negros e de baixa escolaridade representam a maioria dos indivíduos com mais chances de morrer no Brasil. Isso sem dúvida acarreta em danos mentais a esses indivíduos, incluindo questões como violência policial, guerra às drogas e política de armas de fogo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme Carvalho (2014), os meninos negros recebem o estereótipo de *mau aluno* no contexto educacional brasileiro, sendo associados à rebeldia, à personalidade desordeira e violenta, sendo constantemente alvo de bullying, recebendo punições e castigos por indisciplina, o que também afeta seu rendimento escolar.

Juntamente com o machismo e o racismo, a LGBTfobia é uma das discriminações pelas quais a masculinidade hegemônica é construída. O Brasil é o país que mais mata a população LGBT no mundo, seja por assassinato ou por suicídio. Segundo o Grupo Gay da Bahia (2017), a cada 19 horas morre um LGBT no Brasil, 30,9% por armas de fogo, 24,8% por armas perfurocortantes, 13% por suicídio, 7,2% por espancamento, 4,9% por asfixia, 1,3% por carbonização e 10,5% de outras formas. Podemos perceber que

a prática da violência é reforçada no processo de socialização dos homens. Pode ser considerada como elemento fundador dessa formação identitária e requer reafirmação cotidiana ao longo da vida. Brigas de rua, bem como as várias formas de dominação sobre as parceiras íntimas, constituem situações que legitimam a masculinidade. Há naturalização dos padrões de comportamento agressivo dos homens, muitas vezes justificados por razões biológicas e fisiológicas (ALBUQUERQUE, BARROS, SCHRAIBER, 2013, p. 537).

Com a naturalização desses comportamentos, os homens continuam em um ciclo vicioso de violência: agridem outros homens, agridem as mulheres e agridem a si mesmos. Isso acarreta em danos à saúde e ao adoecimento mental desses sujeitos.

A escola envolve os meninos em um projeto integral de masculinidade, modelada através da competitividade e da violência - esta última como forma exclusiva de demonstração de sentimento e única permitida. Sensibilidade e afetividade são afastadas dos corpos masculinos, pois são consideradas características femininas.

Os estudos que se propõem a investigar sobre a saúde mental do homem apontam a tríade homem-violência-saúde. A saúde mental é afetada por constructos internos e externos, uma vez que

Abordar a questão da doença mental, nesse enfoque psicológico, significa considerá-la produto da interação das condições de vida social com a trajetória de vida da pessoa (sua família, os demais grupos e as experiências de vida significativas) e sua estrutura psíquica. As condições externas [...] devem ser entendidas como determinantes ou desencadeadoras da doença mental ou, quando positivas, propiciadoras e promotoras da saúde mental, isto é, da possibilidade da realização pessoal do indivíduo em todos os aspectos de sua potencialidade (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008, p. 345).

Nesse sentido, a escola - como campo social formador dos papéis de gênero e construtora da saúde mental dos indivíduos - necessita pensar nos meninos e homens como seres

biopsicossociais e em todas as formas de proporcionar-lhes bem estar físico, social e mental. Ainda conforme os autores supracitados:

Nessa perspectiva, significa pensar em pobreza, que determina condições de vida que visam poucos propícias à satisfação das necessidades básicas dos indivíduos, e, ao mesmo tempo, pensar na violência urbana e no direito à segurança; no sistema educacional, que reproduz a competitividade da nossa sociedade; na desumanização crescente das relações humanas, que levam à “coisificação” do outro e de nós mesmos. Considerar tudo isso significa pensar na superação das condições que desencadeiam ou determinam a loucura. Como cidadãos, é preciso compreender que a saúde mental é, além de uma questão psicológica, uma questão política, e que interessa a todos os que estão comprometidos com a vida (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008, p. 351).

No campo acadêmico e educacional, a pedagogia feminista e a pedagogia *queer* apresentam-se como estratégias curriculares determinantes na discussão das relações de gênero e de sexualidade dentro e fora da escola, assim como no enfraquecimento do machismo e demais formas de opressão. A pedagogia feminista é pauta fundamental do movimento das mulheres, pelo entendimento de que todos obterão benefícios com a desconstrução do machismo dentro da escola, inclusive os homens. E a pedagogia *queer* faz parte da agenda LGBT, no sentido de questionar hierarquizações, estigmas, identidade e diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Bock, Furtado e Teixeira (2008), falar em psicopatologias implica também falar em prevenção, o que significa criar estratégias para evitar o seu aparecimento. Portanto, é fundamental intervir nas relações de gênero impostas em nossa sociedade e produzidas e reproduzidas pela escola, no intuito de evitar que outras pessoas venham a ser afetadas.

Falar sobre masculinidades e falar sobre saúde mental são pautas políticas no Brasil, ao ponto que nosso país presencia a onda de um neoconservadorismo desde o golpe de Estado de 2016, amplamente machista e contra os direitos humanos, situação que se agrava a cada dia com o governo Bolsonaro (2018 -), com suas atitudes fascistas e ditatoriais. Retomar o processo democrático é essencial para que essas agendas de gênero e sexualidade possam progredir, inclusive na área de educação e saúde, e cada vez mais homens possam desconstruir-se e cuidar de si mesmos.

Conforme foi percorrido ao longo do trabalho, demais questões afetam a saúde mental do homem e as particularidades de cada um, como a violência policial, a política de drogas, a aversão a tratamentos psicológicos/psiquiátricos, inclusive o machismo, alvo deste estudo. A

educação e a saúde são locais privilegiados para tais discussões. A escola tem dever indispensável, através da pedagogia feminista como componente curricular, atravessando também intersecções, tais como raça, sexualidade e classe social e outros elementos contra-hegemônicos, tais como a educação para as relações étnico-raciais e a pedagogia *queer*.

Outras medidas, igualmente indispensáveis, podem e devem vir através de atitudes dos homens, como o exercício da paternidade responsável e a busca por saúde física e mental. As mulheres continuarão a ser as principais vítimas dessa opressão, contudo, podemos concluir que o mundo seria melhor para todos e todas se o machismo deixasse de existir. Podemos refletir que é necessário que sejamos todos feministas.

REFERÊNCIAS

ALISSON, Elton. **Pesquisa identifica populações mais vulneráveis a transtornos mentais graves**. Agência FAPESP. 2017. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/pesquisa-identifica-populacoes-mais-vulneraveis-a-transtornos-mentais-graves/26959/>. Acesso em: 25 agosto 2018.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017. **Fórum Brasileiro de segurança pública**. 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 26 agosto 2018.

BOCK, Ana Mercês Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14a edição. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Ministério da Saúde lança Agenda Estratégica de Prevenção do Suicídio**. Ministério da Saúde. 2017. Disponível em: <http://portalquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/Coletiva-suicidio-21-09.pdf>. Acesso em: 25 agosto 2018.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Quem são os meninos que fracassam na escola?** Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 11-40, jan./abr. 2014.

CASTRO, Susana de. **O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas**. APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista. Ano XII. n. 20. p. 75-82. jul./dez.2018.

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

FAGUNDES, Raphael. **As visões conservadoras e progressistas das animações hollywoodianas**. REVISTA FÓRUM. 2018. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/visoes-conservadoras-progressistas-das-animacoes-hollywoodianas/>. Acesso em: 24 agosto 2018.

G1. **A verdadeira origem da hashtag 'Me Too', usada no Twitter por mulheres que sofreram violência sexual**. POP & ARTE. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/a-verdadeira-origem-da-hashtag-me-too-usada-no-twitter-por-mulheres-que-sofreram-violencia-sexual.ghtml>. Acesso em: 24 agosto 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA, 2017. **Pessoas LGBT mortas no Brasil: relatório 2017.** Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>. Acesso em: 26 agosto 2018.

KAUARK, Fabiana da Silva. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático.** Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KIMMEL, Michael S. A **produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Disponível em: 6 agosto 2018.

LOURO, Guacira Lopes Louro. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

TOURO Ferdinando. Direção: Carlos Saldanha. Produção: Blue Sky Studios e Twentieth Century Fox. Nova York, Carlos Saldanha, 2018. Acesso em: <http://www.mmfilmes.tv/o-touro-ferdinando/>. Disponível em: Acesso em: 25 agosto 2018.

VAGIANOS, Alanna. **Terry Crews sobre masculinidade tóxica: os homens precisam ser desprogramados.** Huffpost Brasil. 2018. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/16/terry-crews-sobre-masculinidade-toxica-os-homens-precisam-ser-desprogramados_a_23436298/. Acesso em: 24 agosto 2018.